

Editorial

Não é propriamente uma novidade relacionar filosofia e design. No campo da filosofia, já faz algum tempo que pensadores como Vilém Flusser, Bruno Latour e Peter Sloterdijk, entre outros, trabalham em tal interface. E, no campo do design, a proposta de uma “filosofia do design” ganhou corpo no fim da década de 1990¹, pautando-se na ideia de que os designers poderiam se servir da filosofia para refletir sobre aquilo que fazem.

Esta edição da *Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência*, com o tema “Filosofia do Design”, tem como objetivo articular os campos do design e da filosofia de múltiplas maneiras, sempre rechaçando, contudo, a orientação instrumental segundo a qual o design se utilizaria da filosofia para refletir sobre suas práticas. Acreditamos, com Deleuze, que “a filosofia não é feita para refletir sobre qualquer coisa”². O aspecto problemático do encargo de “refletir sobre” não consiste no ato reflexivo “em si”, mas na ideia de que o pensamento reflexivo somente seja possível por meio da filosofia, como se ela fosse um grande olho objetivo através do qual pudéssemos enxergar a verdade das coisas. Nesse sentido, a filosofia estaria nos antípodas da poesia, da literatura, da retórica, das artes plásticas, do design etc., por ser o campo que ofereceria acesso à verdade.

Aqui, ao contrário, a adesão é a uma filosofia que reconhece e valoriza suas dimensões criativas e plurais – uma filosofia na qual a “objetividade”, como propõe Nietzsche³, encontra-se na capacidade de mobilizar múltiplos olhos ao investigar algo. E, na medida em que se afirma como uma forma de articulação criativa, a filosofia começa a se aproximar do design. Design sendo compreendido, aqui, como uma atividade que, seja por meio de “efemeridades” ou por meio de “projetos ideais”, elabora e articula criativamente não apenas materialidades e visualidades, mas também modos de vida, valores e discursos.

Ao aproximar design e filosofia, tomamos como premissa que em toda filosofia resta um “gesto” de design, assim como, no sentido oposto, todo gesto de design pressupõe uma “filosofia”. Dito de outro modo: há sempre um olhar criativo que *enforma* as filosofias, assim como há sempre uma base epistêmica em todo o gesto de *dar forma*⁴. Esse deslocamento

¹ A este respeito, cf. GALLE, P. “Philosophy of design: an editorial introduction”. *Design Studies*, v. 23, n. 3, 2002, p. 211-218.

² DELEUZE, G. O que é o ato de criação?. In: DUARTE, R. (org.). *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 389.

³ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*, III, 12.

⁴ “[...] a matéria no *design* [...] é o modo como aparecem as formas” (grifos do autor). FLUSSER, V. *Uma filosofia do design: a forma das coisas*. Lisboa: Relógio D’Água, 2010, p. 19.

circular das bases do gesto criativo (da filosofia para o design e do design para a filosofia) só faz sentido sob o prisma das filosofias da imanência, nas quais se considera que nada há de essencial (nenhum fim ou essência) no mundo e no humano, embora algo sempre permaneça diante de nós. O que está em jogo é a impossibilidade, na experiência humana, de se pensar, dizer ou fazer qualquer coisa sem antes lançar mão de ideias, sensibilidades e valores. Eis a questão de fundo a partir da qual os textos desta edição – elencados a seguir – podem ser lidos.

O artigo de Marcos Beccari e Rogério de Almeida, *O cotidiano estético: considerações sobre a estetização do mundo*, propõe uma discussão acerca da estética contemporânea a partir de um prisma nietzschiano, tendo como foco principal o “estético” como dimensão afirmativa que torna excessiva a vida. Daniel B. Portugal, em seu escrito *Do sujeito como legislador/artista ao sujeito como designer: liberdade e criatividade em uma teoria pós-prometeica da ação*, tece considerações históricas a respeito de noções como sujeito, vontade e liberdade, procurando identificar diferentes prismas criativos a partir dos quais tais noções ganham sentido. Helena de Barros e Jorge Lúcio de Campos trazem, no artigo *Entre aura e simulacro: o original e a sua reprodução impressa sob uma perspectiva benjaminiana*, uma reflexão sobre a possibilidade de ressignificar, por meio do conceito de “simulacro aurático”, a cópia impressa no contexto atual. No artigo *Desgraça, sem graça e nem de graça: três visões possíveis sobre o design do humor*, Bolívar Escobar estuda as sensibilidades morais implicadas no humor e propõe três posicionamentos possíveis perante o riso: sua completa recusa, uma abertura parcial e a completa abertura. Talita Tibola e Barbara Peccei Szaniecki, com *Pragmatismo do disforme no design*, se ocupam em pensar o design a partir do conceito deleuziano de “estilo”, o que implica abandonar hierarquias entre forma e matéria para compreender as interferências disformes que o design opera sobre o real. Em *Notas para um olhar fenomenológico sobre design: fenomenologia do projetar e teoria da ação*, Eduardo Camillo K. Ferreira pauta-se em alguns conceitos de Edmund Husserl e sua fenomenologia para descrever a ação de projetar como uma atitude frente ao mundo. Suzie Ferreira do Nascimento, em *O Estilo Modernista à luz da “necessidade” e da “inocência”*, investiga, sob um viés nietzschiano, aspectos éticos e estéticos do estilo modernista, com ênfase na “necessidade” e na “inocência” que seriam, segundo a autora, desconsideradas pela “pós-modernidade”.

Além desses artigos, a presente edição conta também com uma resenha de Louis José Pacheco de Oliveira sobre o livro *Articulações simbólicas: uma nova filosofia do design*,

de Marcos Beccari (2016); e com a tradução do artigo *Desmobilizar*, de Clément Rosset (2013), realizada por Rogério de Almeida e Luiz Antonio Callegari Coppi.

Gostaríamos de encerrar esta apresentação com um agradecimento sincero a André Martins, editor desta Revista. Ficamos honrados com o convite para atuar como editores deste número temático da *Trágica*. Agradecemos também a dedicação de Luiza Regattieri ao longo do trabalho, aos pareceristas e, evidentemente, a todos os autores que submeteram seus escritos, viabilizando essa pequena amostra do profícuo horizonte que se abre entre o design e a filosofia. Com a organização desses textos, enfim, esperamos contribuir para o diálogo entre os campos do design, da filosofia e outros campos de expressão criativa. Afinal, não são poucos os desafios postos pelas novas experiências atreladas ao design.

Marcos Beccari e Daniel B. Portugal
Editores do Número Especial 'Filosofia do design'